

Cultura e Pensamento

Juventude e Ativismo

Mesa de debate: Territórios solidários na cultura

Dia: 06/08/2010 – Horário: 9:30hs

Palestrantes:

1ª-Sessão:

Contato (Brasil)

Casa África (Senegal – Brasil)

Asociación Hermanos Saíz (Cuba)

Cic Batá (Espanha)

2ª-Sessão:

FARO de Oriente (México)

Espaço Cubo (Brasil)

Eletrocooperativa (Brasil)

Duo Informação e Cultura (Brasil)

Mediador:

Ibrahima Gaye – Casa África (Senegal – Brasil)

Discussão da mesa

A fluidez das fronteiras territoriais, proporcionada pela globalização, trouxe à luz um mundo permeado por uma enorme diversidade cultural. Sociedades e grupos com características específicas passaram a vislumbrar não somente elementos diferenciadores, mas também pontos de conexão com outras culturas, emergindo a necessidade de estabelecimento de um diálogo comum.

A reflexão sobre as possibilidades e potencialidades da construção de um diálogo intercultural perpassa a análise dos obstáculos impostos pelas diferenças culturais, o reconhecimento da importância de coletivos, grupos sociais e organizações não-governamentais enquanto novos sujeitos interlocutores e a necessidade de criação de redes locais e internacionais de cooperação.

Desafios do diálogo intercultural

O estabelecimento de um diálogo intercultural permite, ao mesmo tempo, a aproximação a outras formas de ver e ser e a emergência de tensões entre as diferentes identidades. A abertura para

distintos pontos de vista e concepções de mundo é imprescindível nas interações entre indivíduos e grupos com suas particularidades e complexidades. Ao longo deste processo dialógico, no entanto, algumas questões relevantes interpõem-se. Como construir uma relação harmoniosa entre reconhecimento, proteção e respeito às características culturais específicas de cada sociedade? Será possível estabelecer interações com outros grupos sociais sem que este contato leve à perda de características identitárias próprias e a formação de culturas híbridas? Como evitar a imposição da visão hegemônica, a subordinação às vozes dominantes?

Redes locais e internacionais de cooperação

Neste contexto de aproximação e criação de um diálogo entre os povos, os indivíduos e grupos sociais passam a ocupar lugar central enquanto sujeitos interlocutores de iniciativas de cooperação cultural. O papel dos Estados continua sendo indispensável na legitimação de convênios, definição de acordos e interações de caráter público a nível internacional e facilitação de recursos e instrumentos para a interlocução entre diferentes agentes, no entanto, cada vez mais abre espaço, estimulando e apoiando participações e iniciativas de grupos da sociedade civil que visam estabelecer um diálogo entre si. A construção de redes locais e internacionais deve ser pensada com o objetivo de fortalecer ações e intercâmbios de bens culturais, conhecimentos e experiências entre indivíduos e coletivos, não esquecendo, no entanto, de criar parâmetros que assegurem interações e trocas equânimes entre os diferentes interlocutores.